

# Enunciado, subjetivação e “melhor idade”

(Énoncé, subjectivation et “meilleur âge”)

Pedro Navarro<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Letras – Universidade Estadual de Maringá (UEM)

plnavarro@uol.com.br

**Résumé:** Dans les analyses de Michel Foucault, l’homme est objet et cible de pouvoir, tissé dans les énoncés de plusieurs pratiques discursives et non-discursives que, d’un côté, constituent des domaines spécifiques et, de l’autre, deviennent «comme pratiques discontinuées qui se croisent, s’avoisinent parfois, mais aussi s’ignorent ou s’excluent» (FOUCAULT, 1995). À partir de ce principe, dans ce texte, je discute les démarches de subjectivation constituant les discours sur la dite «meilleur âge», à partir d’une série d’énoncés sélectionnés des médias écrits et électroniques.

**Mots-clés:** énoncé; subjectivation; “meilleur âge”.

**Resumo:** Nas análises de Michel Foucault, o homem é objeto de saber e alvo de poder, sendo tecido em enunciados de diferentes práticas discursivas e não discursivas, que, de um lado, constituem campos específicos e, de outro, estabelecem-se “como práticas descontínuas, que se cruzam, se avizinham às vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1995). Tendo em vista esse princípio, discuto, neste texto, os processos de subjetivação que constituem os discursos sobre a chamada “melhor idade”, a partir de uma série de enunciados selecionada de meios de comunicação impresso e eletrônico.

**Palavras-chave:** enunciado; subjetivação; “melhor idade”.

## Introdução

Neste texto, tomo como ponto de partida uma série de enunciados selecionada de meios de comunicação impresso e eletrônico para discutir os processos de subjetivação que constituem os discursos sobre a chamada “melhor idade”. Apresento, com isso, resultados parciais de uma pesquisa de maior abrangência,<sup>1</sup> cuja proposta é analisar as práticas discursivas de subjetivação que produzem representações sobre o idoso, sobre os sujeitos da educação (professor e aluno) e sobre o sujeito executivo, em textos da mídia brasileira contemporânea. Para a discussão realizada neste momento, é traçado um percurso teórico e analítico que retoma elementos definidores da teoria do discurso e do poder que se depreende dos estudos de Michel Foucault.

O poema “Retrato”, de Cecília Meireles (1994), é tomado como ponto de partida dessas discussões.

---

<sup>1</sup> Trata-se do projeto de pesquisa intitulado “Práticas discursivas de subjetivação”, em desenvolvimento desde agosto de 2010, conjuntamente com alunos de graduação em Letras e do mestrado em Letras, da Universidade Estadual de Maringá. Esse mesmo projeto subsidia nossa pesquisa em nível de pós-doutoramento, realizada no Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, sob supervisão do professor Sírio Possenti.

## *Retrato*

Cecília Meireles

Eu não tinha este rosto de hoje  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força;  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
- Em que espelho ficou perdida  
a minha face?

Do ponto de vista de certa análise literária, “Retrato” focaliza uma forma de incorporação da velhice, ao dar visibilidade à angústia que o “eu poético” sente diante da velhice, angústia essa que parece resultar da contemplação de seu corpo envelhecido refletido no espelho. O poema materializa o modo como o envelhecimento marcou esse corpo (“Eu não tinha estas mãos sem força; tão paradas e frias e mortas”), sem que isso fosse notado cotidianamente.

Considerando, agora, o modo como a velhice aparece como objeto de discurso da mídia contemporânea e de políticas públicas, a angústia diante do envelhecimento parece não ter o mesmo efeito sobre os sujeitos representados nos textos e nas imagens que circulam pelas páginas dos jornais, das revistas, nos programas de TV e em campanhas governamentais.

Um primeiro exemplo disso é encontrado no caderno especial “Maior Idade”, do jornal *Folha de S.Paulo*, do qual é retirada a seguinte sequência enunciativa:

- (01) “O velho – novo. Em seus poemas, Paulo Leminski fazia uma pergunta reveladora: ‘Que podia um velho fazer/nos idos de 1916,/ a não ser pegar pneumonia,/ deixar tudo para os filhos/ e virar fotografia?’. No Brasil do início do século passado, tais velhos eram muito mais moços; a expectativa de vida ao nascer era de 34 anos. Em 2007, último dado disponível no IBGE, havia saltado para 72,6 anos. Longevidade, anticoncepcional, liberação sexual, divórcio e avanços da medicina tornaram obsoleto aquele velho precoce. Mudou tudo, inclusive os termos. Em vez do sexagenário aposentado (alguém recolhido a seu aposento), expressões mais fiéis, como terceira e quarta idades, que indicam uma sequência natural e mais vida pela frente. Há um velho-novo nas ruas, e a *Folha* foi a campo, em pesquisa nacional inédita, para responder quem ele é, como vive e o que pensa” (*Folha de S.Paulo*, São Paulo, 15 mar. 2009. Maior Idade. Especial 1, p. 1).

A expressão “melhor idade”, que arrisco chamar de “fórmula”, no sentido que é dado por Krieg-Planque (2010), parece sinalizar uma forma estereotipada de falar sobre o idoso, a qual vem sendo constantemente retomada, reatualizada, mas também deslocada e/ou negada nos espaços em que ela circula. Este texto não tem como foco uma análise mais apurada dessa expressão, buscando testar as quatro características apresentadas por Krieg-Planque (crystalização, dimensão discursiva, referente social e caráter polêmico) para, então, defender que se trata, de fato, de uma “fórmula”. Em hipótese, “melhor idade” atende aos quesitos de uma fórmula, se levarmos em conta o fato de ela funcionar como

um referente social e de suscitar polêmica, como se poderá observar nas séries enunciativas apresentadas ao longo deste texto. A análise, portanto, se serve do conceito de “fórmula” como uma possibilidade de organização do *corpus* e de entrada linguística para falar de fatos do discurso. Esse conceito, acrescido da noção de enunciado como função, como entende Foucault (1972), forma um quadro teórico que pode auxiliar o pesquisador na análise dos processos de subjetivação.

A proposta arqueológica de análise de discursos distancia-se de uma perspectiva estritamente linguística, que visa a responder a questões do tipo: a partir de que regras um enunciado é produzido e outros semelhantes a ele também? Segundo o que ensina Foucault (1972, p. 39), “a descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”. Essa pergunta resume a inquietação do método arqueológico, bem como serve de guia para análise de quadros enunciativos que o pesquisador constitui a partir de um objeto teórico.

Responder a essa pergunta requer uma abordagem metodológica que se orienta na apreensão de regularidades discursivas existentes nas relações que os enunciados estabelecem entre si, nas relações entre grupos de enunciados (relações de conformidade ou de confrontos entre enunciados que formam uma rede interdiscursiva) e nas relações entre enunciados, grupos de enunciados e acontecimentos de ordem social, cultural, política e histórica.

O enunciado é a menor unidade do discurso que o analista recorta do arquivo. É definido por Foucault como uma função, que compreende: 1) um *princípio de diferenciação* que circunscreve o objeto do qual o discurso fala (cuidados com o corpo, alimentação saudável etc.); 2) uma posição de *sujeito*, concebido em termos de modalidades enunciativas. O sujeito do enunciado ocupa um lugar legitimado pela instituição midiática para falar sobre o objeto e assume posições de sujeito no interior das práticas discursivas. Na mídia, ele pode ocupar/exercer a função/posição de sujeito-que-narra, sujeito-que-descreve, sujeito-que-interpreta, sujeito-que-agencia outros discursos, sujeito-que-retoma e/ou desloca enunciados pronunciados por outros sujeitos, em outros lugares institucionais e em outras épocas; 3) um *domínio associado*, que concerne às relações referidas acima entre os enunciados e os grupos de enunciados. Em relação ao discurso da “melhor idade”, por exemplo, o campo associado pode abarcar a memória discursiva sobre o que já se falou a respeito do idoso, e isso significa analisar os enunciados em relação ao arquivo; 4) um *suporte material* (a mídia, por exemplo), que dá condição de existência aos enunciados e possibilita que eles sejam repetidos. Nesse nível de análise, portanto, a atenção volta-se para o exercício da função enunciativa de que os enunciados são portadores, com o intuito de verificar, por exemplo, qual o seu papel na produção discursiva da identidade. Tendo em vista que os discursos são determinados por formações discursivas, a análise caminha no sentido de encontrar, em meio à dispersão, regularidades em relação ao modo de falar dos objetos, às modalidades enunciativas, aos conceitos e às estratégias. As formações discursivas organizam (determinam o modo de falar) feixes de sentido do arquivo que, em uma sociedade, rege o aparecimento dos enunciados com valor de acontecimento singular.

Nesse sentido, de um ponto de vista metodológico, o agrupamento dos enunciados permite delinear os trajetos históricos que constroem a ideia de “melhor idade”. Se me detenho no conceito de fórmula, faço-o, nesse momento, de forma muito rápida e

superficialmente, porque ele parece me auxiliar na tentativa de encontrar uma regularidade na dispersão dos discursos cujo idoso é tomado como um referencial. O desafio é (e isso demandaria uma análise bem mais apurada) saber se “melhor idade” circula em diferentes formações discursivas, em diferentes campos discursivos. Se, nos enunciados em que ela aparece, produz efeitos de sentido diferentes.

Uma contribuição a ser dada a um trabalho sobre discurso e sujeito, a partir da análise de “fórmulas”, é trazer para esse estudo uma concepção de história mais abrangente, que ultrapasse os limites do tipo de história feita pela historiografia, pela sociologia ou pela teoria da comunicação. Uma história geral, como a concebe Foucault, que, partindo de enunciados efetivamente ditos, possa detectar as relações de saber e de poder que produzem discursos, que permitem falar dos sujeitos ou permitem que eles falem de si de uma forma e não de outra.

De saída, essa relação saber/poder leva a considerar que idade e corpo são dois elementos que definem o sujeito sobre o qual está se falando, assim como a imagem que esse sujeito tem/faz de si. A fórmula “melhor idade” agencia, portanto, um conjunto de saberes de diferentes práticas discursivas que têm, por função, o “governo do outro”, o governo desse sujeito falado nos discursos da mídia contemporânea, o governo sobre seu corpo, o corpo da população idosa.

Não obstante essa noção de história geral possa trazer contribuições significativas à análise da “melhor idade”, estas reflexões, em particular, e o projeto de pesquisa que as sustenta, de modo mais amplo, não têm a pretensão de construir uma história do corpo do idoso. Objetivam compreender os saberes que são produzidos a respeito desse sujeito. Trata-se de uma espécie de escavação arqueológica bastante tímida dos saberes que levam à permanência de um tipo de enunciado em detrimento de outros. Em outros termos, a seleção e a organização dos enunciados em torno de trajetos históricos não têm por finalidade perseguir o objeto idoso, mas compreender as condições que provocam, na atualidade e, em especial, na mídia contemporânea, o surgimento de fórmulas, tais como “melhor idade”. O projeto tentará perseguir, portanto, as condições de possibilidade que fazem emergir as designações, as divisões, as formas de controle e de resistência desse objeto, e isso poderá atestar a sua historicidade e “sacudir” a sua aparência de objeto natural, tal como os meios de comunicação parecem fazer crer, tendo em vista o excerto anterior, retirado do caderno especial da *Folha de S.Paulo*.

Os modos de falar sobre o idoso, como aqueles que foram encontrados nos enunciados midiáticos, possuem sua condição de existência e a sua regra de formação determinados por um “espaço de ordem” (FOUCAULT, 1999a). Refiro-me à noção de “epistémé”, empregada por Foucault e substituída, posteriormente, pela de “prática discursiva” (FOUCAULT, 1972), com a qual esse autor detecta o solo epistemológico e as descontinuidades nos saberes relativos à linguagem, à biologia e à economia, os quais, segundo o filósofo, fazem o homem surgir como objeto de um saber científico, ao mesmo tempo em que esse mesmo saber anuncia a sua finitude. Como sentencia esse autor, “o homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo” (FOUCAULT, 1999a, p. 536).

Uma questão primeira então se esboça, questão filosófica, ou melhor, arqueológica, para ser mais preciso: a partir de qual espaço de ordem passamos a designar, nomear, classificar, qualificar as coisas, em particular o idoso? Para me deter nessa questão, elenco

alguns elementos discursivos que constituem os processos de subjetivação do idoso e que, por sua vez, dão condições históricas para a emergência, a circulação e o uso social da fórmula.

### **Governamentalidade, biopolítica e o corpo do idoso**

De acordo com Foucault (1999b, 2006, 2008), nas sociedades contemporâneas, o Estado não é o único lugar ou a única forma de exercício do poder, mesmo que as outras formas de exercício do poder a ele se refiram, isso não significa que dele derivem. A noção de governo compreende diferentes forças envolvidas nos processos de regulação dos indivíduos, com objetivos os mais diversos. Em vista disso, para esse filósofo, o Estado não é a origem do governo, mas seu constituinte e constituidor de um campo de cálculos e de intervenções.

A noção de governamentalidade é elaborada por esse autor a partir das análises que realiza das instituições cristãs, em que é exercida uma espécie de “poder pastoral”, que combina técnicas de individualização e procedimentos de totalização, visando não somente cuidar da humanidade neste mundo, mas salvar sua alma no outro mundo também, o que diferencia esse poder daquele que se pratica no âmbito político.

Segundo Foucault, essa técnica foi ampliada para fora das instituições religiosas, a partir do século XVIII, e seu fim não é mais o de orientar o povo para a sua salvação no outro mundo, mas assegurar seu bem-estar neste mundo, o que significa propiciar às pessoas saúde, riquezas, segurança etc. À medida que o poder pastoral foi ampliando-se, seus objetivos multiplicaram-se, assim como seus agentes: a família, a medicina, a psiquiatria, a educação, os empregadores.

A partir do momento em que o poder governamental descobriu o corpo das populações, iniciou-se todo um mecanismo voltado à disciplinarização do corpo, com a finalidade de gerir a vida dos homens. Como demonstra Foucault (2008), esse acontecimento inaugura uma tecnologia *biopolítica*, que se desenvolve em duas direções complementares, sendo uma voltada às disciplinas do corpo, constituindo-se em uma *anátomo-política do corpo humano*; a outra tecnologia incide sobre o corpo-espécie, configurando o surgimento de uma *biopolítica da população*. Estudar a tecnologia biopolítica em relação à subjetivação é interrogar o modo como o poder se exerce. Uma das formas de exercício desse biopoder destina-se ao cuidado com os problemas da velhice, com os acidentes e as doenças. Para a realização desse controle, surgem as instituições de assistência, os seguros e as poupanças.

O que se observa na mídia contemporânea é o funcionamento de uma biopolítica como um efeito de poder vinculado aos discursos sobre o idoso. Biopolítica essa que se manifesta ou assegura os campos do mercado de trabalho e das medicinas nutricional e estética, os quais se constituem em poderosos dispositivos de poder que instauram uma nova ordem de saber sobre esse sujeito. Tal dispositivo de poder atualiza-se em práticas discursivas midiáticas que, pela escolha lexical e pela seleção de imagens, posicionam os indivíduos como sujeitos sempre jovens e saudáveis, não importando a idade biológica. Assim, analisar a tecnologia biopolítica em relação à subjetivação é interrogar o “como do poder” (FOUCAULT, 1999b, p. 28), uma vez que o poder não se exerce sem uma economia de discursos de verdade. Essa relação entre saber e verdade é o que sustenta o processo de subjetivação do idoso, por exemplo.

## Fórmula, trajetos históricos e o corpo do idoso

Na dispersão dos enunciados sobre o sujeito idoso, podemos encontrar uma regularidade em torno de quatro trajetos históricos, lembrando que a ocorrência da fórmula “melhor idade” não está sendo tomada, para o projeto como um todo, como o critério definidor:

1. um corpo que não envelhece;
2. um corpo que não se cansa;
3. um corpo que produz;
4. um corpo que deseja.

O índice da reportagem feita pela edição especial da Revista *Veja*, intitulada “A melhor idade”, sintetiza esses quatro trajetos:

- (02) “Carta ao leitor. Saúde – dicas para viver mais e melhor. Sexo – o prazer redescoberto. Vida a dois – histórias de uniões duradouras. Divórcio – o agitado clube dos descasados. Paquera – eles não gostam de ‘ficar’. Perfis – no auge, eles falam de envelhecer. Trabalho – por que adiar a aposentadoria. Comida – monte sua confraria gastronômica. Beleza – a juventude de volta (sem bisturi). Família – estudo sobre paternidade tardia. Fitness – ainda é possível entrar em forma. Guia – lazer e cultura no exterior” (Revista *Veja*, São Paulo, 31 ago. 2005. Especial “A melhor idade”).

Vale destacar, ainda, que, na parte inferior da página em que consta esse índice, a revista traz a imagem fotográfica do escritor Marcilio Moraes, de 60 anos, praticando rapel.

Os temas escolhidos pela *Veja* são emblemáticos de um procedimento discursivo de espetacularização da chamada “melhor idade”, para o qual outras expressões aparecem, no *corpus* de análise, com certa regularidade e poderiam bem merecer um estudo do ponto de vista do conceito de fórmula. Cito, por exemplo, “vida saudável” e reformulações parafrásticas dessa fórmula, do tipo “alimentação saudável” e “prática regular de exercícios físicos”.

Os enunciados que formam o discurso sobre a velhice e sobre os processos de envelhecimento, aqueles discursos que caminham no sentido de construir a ideia de que se trata da melhor fase da vida, apresentam-se como uma reação aos sujeitos que não levam uma vida saudável, não têm uma alimentação equilibrada e não praticam exercícios físicos regulares ou outra atividade com o corpo. O “outro” do discurso sobre a “melhor idade” é o velho, cuidadosamente delimitado no interior dos enunciados e excluído das representações hegemônicas que têm lugar na mídia contemporânea. O “velho-velho” é o “outro” do “novo-velho”, aquele da reportagem do caderno especial do jornal *Folha de S.Paulo*.

O levantamento do léxico utilizado para designar o sujeito idoso, no quadro enunciativo sob análise, é sintomático disso: “melhor idade”, “melhoridade”, “maioridade”, “terceira idade”, “novo-velho”, “velho-novo” são expressões recorrentes, utilizadas para fazer referência a esse sujeito. Mas esse uso variado do léxico não indica a produtividade lexicológica da fórmula, tal como entende Krieg-Planque (2010), isto é, “melhoridade” (como uma palavra só), “maioridade”, “maturidade” e “plena idade” não derivam de “melhor idade”. São expressões que convivem nesse mesmo espaço discursivo, como se uma pudesse ser tomada pela outra. Caberia, para tanto, um estudo da gênese da fórmula para verificar essa produtividade. Em princípio, de “terceira idade” poderiam derivar as demais expressões, destacando-se, pelo uso, a fórmula “melhor idade”. Mas, nos enunciados sob análise, o uso de uma fórmula ou de outra parece não confirmar isso plenamente.



Em alguns enunciados, por exemplo, “melhor idade” aparece como título de artigos científicos de revista eletrônica (03), como projetos universitários de inclusão digital (04) e mesmo como o tema que define os artigos submetidos para compor o número de revista científica eletrônica (05). Eis os exemplos:

- (03) “Benefícios da atividade física na melhor idade”. Título de um artigo publicado na Revista Digital – Buenos Aires – Ano 10, nº 74, julho de 2004 (Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 10 ago. 2010).
- (04) “Melhor idade e o mundo digital. Curso básico de informática para comunidade externa da UEM. A informática está disseminada no cotidiano de todas as pessoas e a Melhor Idade deve fazer parte desta tecnologia” (Disponível em: <http://www.din.uem/mid/>. Acesso em: 23 set. 2010).
- (05) “Revista da UFG – tema MELHOR IDADE”. Tema do volume V, número 2, de dezembro de 2003 (Disponível em: <http://www.proec.ufg.br>. Acesso em: 23 set. 2010).

No desenvolvimento dos textos, no entanto, a expressão usada para se fazer referência a esse sujeito ou para garantir a retomada do referente na progressão textual é “terceira idade”, “pessoa idosa”, “idoso” e “velhice”, tal como se apresenta na sequência enunciativa a seguir:

- (06) “O lazer direcionado às pessoas idosas emerge como aquilo que Debert (1999a) chama de “Reprivatização do envelhecimento”, em que os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade pelo seu envelhecimento e, conseqüentemente, pela sua saúde, pela sua aparência e pelo seu isolamento” (Minéia Carvalho Rodrigues, em “As novas imagens do idoso veiculadas pela mídia: transformando o envelhecimento em um novo mercado de consumo”. Revista da UFG, Vol. 5, nº. 2, dez 2003 *on line*).

Já outras sequências enunciativas (exemplos 07 e 08) do *corpus* permitem observar que não se trata somente de tomar uma expressão pela outra, como se pode ver na entrevista concedida pela psicóloga Gislaíne Aude Fantini, coordenadora da UATI – Universidade Aberta à Terceira Idade – da Universidade do Sagrado Coração (USC) de Bauru:

- (07) “Terceira idade é uma terminologia que às vezes incomoda muitas pessoas. Algumas preferem o termo melhor idade ou outros termos. Na realidade a expressão “terceira idade” é usada aqui e consideramos pertencentes a esse grupo as pessoas com 50 anos ou mais. A chamada terceira idade que, para muitos, arrepia, para outros, como também para mim, trata-se de uma fase transitória tão boa como as outras. Se ela vai ser a melhor fase que você teve ou não vai depender de você” (Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/projetos/agencia/index.php/publicacoes/noticias/8-geral/158-se-a-terceira-idade-vai-ser-a-melhor-fase-que-voce-teve-ou-nao-vai-depender-de-voce>. Acesso em: 25 set. 2010).

E no *site* de relacionamentos referido a seguir:

- (08) “Envelhecer: Este é o destino de todos nós. Nascemos, crescemos e envelhecemos. E é na escolha dos vários caminhos que podemos decidir qual o melhor rumo para o nosso envelhecimento, pois só depende de nós para que a nossa velhice se torne, não a nossa ‘terceira idade’, mas sim a nossa ‘melhor idade’” (Disponível em <http://www.reinaldo.pro.br/blog/2007/10/01/viva-para-a-melhor-idade/>. Acesso em 10 out. 2010).

Essa metaenunciação que se coloca em jogo nos enunciados, pelo uso variado do léxico que neles se apresenta, possibilita considerar que o discurso sobre esse sujeito ainda não está estabilizado. Mais que isso, pode ser o sintoma de um discurso de resistência à espetacularização desse sujeito feita pelos meios de comunicação.

## **Fórmula e saberes sobre a “melhor idade”: polêmica e resistência**

Como analisa Foucault (1995), onde há poder, há resistência. Aqui, entendo “resistência” no sentido que é dado por esse filósofo, como uma espécie de combate ao que liga o indivíduo a ele mesmo e assegura, assim, a submissão aos outros. Resistência que se traduz em lutas contra a sujeição, contra as diversas formas de subjetividade e de submissão, tal como se observa na sociedade contemporânea. Assim, concomitantemente à análise dos efeitos de poder que circulam entre os enunciados da mídia sobre o idoso, seria necessário empreendermos análises da resistência a esse discurso. A esse respeito, algumas questões se formulam: há um discurso de resistência em relação à formação da identidade desse sujeito? É possível fazer resistência aos dispositivos de subjetivação que asseguram e fazem funcionar a ideia de “melhor idade” nos discursos sobre a velhice? De que lugar falariam os sujeitos que sustentam um discurso de resistência desse tipo? Qual seria o estatuto dessas discursividades de resistência?

Por que me detenho nessa questão que envolve saber, poder e resistência? Em uma primeira análise, a fórmula “melhor idade” apresenta um caráter polêmico. Eis algumas sequências enunciativas:

- (09) “Eis a melhor idade. A melhor expressão para se definir as pessoas que já viveram bastante, estão chegando e ultrapassando dos 60, 70, 80 anos, é esta que vem sendo empregada atualmente, ou seja, a MELHOR IDADE, pois para quem tem a alegria de viver, a idade não representa muita coisa, já que eventuais limitações físicas, são substituídas pela experiência, pelo saber fazer as coisas” (Disponível em: <http://www.prosaepoesia.com.br/mostra.asp?cod=1568>. Acesso em: 18 ago. 2010).

No exemplo (09), o enunciador assume a expressão “melhor idade” como adequada para se referir às pessoas acima dos 60 anos. A experiência funciona como um dispositivo que justificaria o uso da expressão.

Em outros enunciados (exemplos 10 e 11), os sujeitos não aceitam que aqueles os quais se encontram na faixa etária da chamada “melhor idade” estejam mesmo na melhor fase da vida, e os argumentos são tanto de ordem econômica, social quanto do ponto de vista da saúde e das condições físicas para locomoção, conforme propagam órgãos governamentais e agências de turismo que investem nesse filão.

- (10) “Trata-se de uma bobagem sem tamanho usar tal nome para qualificar os idosos, infalivelmente mais propensos às mais severas doenças degenerativas e, não vamos negar, muito mais próximos da morte por causas naturais. Além disso, os (muito) mais velhos não têm a mesma vitalidade para boa parte das atividades do dia a dia. Então vale perguntar: o que há de “melhor” nessa idade? Os criadores do termo “melhor idade” fingem que os velhos não estão na pior idade” (Disponível em: <http://www.interney.net/blogs/gravataimerengue/2010/05/03/>. Acesso em: 22 out. 2003).
- (11) “Por exemplo: “Rubem Alves é velho”. Inaceitável. Porque chamar alguém de velho é ofendê-lo – muito embora eu não saiba quem foi que decretou que velhice é ofensa. (O título do livro de Hemingway deveria ser mudado para “O idoso e o mar”?) Mas, sem saber que palavra ou expressão usar para se referir aos velhos sem ofendê-los, houve alguém que concluiu que o caminho mais certo seria chamar os velhos pelo seu contrário. Assim, ao invés de convocar velhos ou idosos pelo alto-falante, a voz convoca os cidadãos da “melhor idade”. A linguagem politicamente correta pode se transformar em ridículo. Chamar velhice de “melhor idade” só pode ser gozação. É claro que a “melhor idade” é a juventude. Quero, então, fazer uma sugestão que agradará aos velhos. A voz chama para embarcar os “cidadãos da ‘idade é terna’”. Não é bonito ligar velhice à ternura?



(ALVES, R. A linguagem politicamente correta. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 mar. 2010. Folha Cotidiano, p. 2).

A questão mais abrangente da polêmica instaurada por essa fórmula – os diferentes sentidos que ela pode produzir, face ao posicionamento dos sujeitos que a empregam – é se ela indica o funcionamento de um discurso de resistência. Poderíamos objetar se, na atualidade, em virtude desse discurso hegemônico sobre o cuidado com a saúde, há condições de se fazer resistência às práticas que constituem os sentidos da “melhor idade”. Uma coisa é encontrar pessoas que não aceitam a expressão “melhor idade” como a forma mais adequada e feliz de caracterizar a sua faixa etária, mas isso não implica que elas recusem incluir, no seu cotidiano, práticas que possam levá-las a ter uma vida mais saudável na velhice.

Vamos aceitar, para o momento, “alimentação saudável” como uma das fórmulas que constituem o funcionamento do discurso sobre a velhice. Imaginemos, por exemplo, um enunciado do tipo “alimentação saudável, para mim, é o que me faz sentir bem. Um bom churrasco, acompanhado de uma boa cerveja”. Para a chamada medicina preventiva e nutricional, alimentação saudável é outra coisa, sobretudo se aplicada aos cuidados para se ter um envelhecimento com qualidade:

- (12) “Alimentação na melhor idade – nutricionista enumera orientações valiosas. Independente do ritmo de envelhecimento, é preciso aceitar que esse processo faz parte do ciclo natural da vida, e que, estabelecendo-se rotinas saudáveis de vida, conseguiremos maiores benefícios para a saúde. Planejar as refeições e utilizar medidas corretas durante o preparo dos alimentos pode contribuir para a satisfação relacionada à alimentação, evitando riscos de acidentes e danos à saúde, principalmente para quem já se encontra em idade mais avançada, permitindo também atender aos princípios de uma alimentação saudável. Com o passar dos anos, ocorrem mudanças naturais na intensidade de percepção do sabor, portanto a tendência da pessoa idosa é adicionar mais açúcar, sal e outros condimentos para temperar os alimentos até alcançar um sabor que agrada ao paladar, o que pode acabar representando um abuso na quantidade” (Disponível em: <http://www.queroviverbem.com.br/materias.php?c=melhor-idade&f=todas&p=1&e=898>. Acesso em: 10 nov. 2010).

Entretanto a polêmica que essa fórmula instaura no interior do discurso sobre a velhice não caracteriza uma espécie de resistência aos saberes dos quais essa fórmula e as outras expressões advêm. Vale lembrar que a possibilidade de fazer resistência ao discurso da “melhor idade”, a polêmica em torno dos diferentes sentidos da fórmula, assim como o uso de uma expressão pela outra ou o uso de uma expressão em detrimento da outra não indicam a atividade sintética de uma consciência anterior a qualquer palavra, o lugar onde a soberania de um sujeito que sabe o que diz poderia se alojar. Segundo Foucault (1972), em relação às regras de formação dos discursos, as opções não se exercem no vazio, mas no campo das necessidades discursivas. Assim, se duas ou mais escolhas são possíveis (os diferentes sentidos da fórmula, por exemplo), essas possibilidades são dadas pelo próprio discurso.

Mas quais as relações de saber e as redes de poder que estão a dizer algo sobre esses sujeitos? Um corpo “velho” é mais propenso a doenças que podem matá-lo. Fazê-lo viver mais e com qualidade é função dessas práticas que vão construindo o discurso sobre a velhice. Analisar essas práticas é, portanto, uma forma de descrever o feixe de relação que dá condições de existência aos saberes sobre esses sujeitos, assim como uma possibilidade de compreender os efeitos de poder vinculados a esses enunciados.

Os saberes médico, biológico, cultural, se assim posso chamar, funcionam como referência para o controle do corpo do idoso, o qual se exerce a partir de uma série de práticas naturalizadas, que criam determinadas necessidades, tais como:

1. a necessidade de realização de exames médicos periódicos;
2. a necessidade de cuidar da pele;
3. a necessidade de voltar a fazer algum tipo de trabalho intelectual;
4. a necessidade de praticar exercícios físicos regularmente;
5. a necessidade de ter uma vida sexual ativa;
6. a necessidade de realização de algum tipo de atividade socializante.

### **Considerações finais sobre as (ident)idades do idoso**

A polêmica instaurada em torno da fórmula “melhor idade”, assim como as várias formas de falar da velhice (maioridade, terceira idade, melhoridade, idoso, pessoa idosa, maturidade, plena idade) assinalam que a idade funciona como um dos dispositivos acionados nas práticas discursivas identitárias, exercendo, a partir disso, um papel fundamental nos processos de subjetivação do idoso. A idade é um dispositivo de saber/poder que enquadra esse sujeito na categoria chamada de “melhor idade” e/ou “terceira idade”. Esse dispositivo, por congrega um conjunto de marcas e de práticas, tem o poder de distinguir, de agrupar, de ordenar e de classificar os sujeitos em faixas etárias.

Seja do ponto de vista dos saberes biológico e médico (o aparecimento de osteoporose, o surgimento de problemas cardíacos, de pressão, a falta de memória, as dificuldades de locomoção e flacidez da pele, por exemplo, e a necessidade de fazer exames periódicos), seja do ponto de vista do saber da medicina nutricional (a inclusão ou não no cardápio diário de uma “alimentação saudável”), seja do ponto de vista do saber relativo à prática de exercícios físicos regulares, seja do ponto de vista de um saber cultural (que propõe práticas de lazer, dança de salão, passeios turísticos etc.) ou seja do ponto de vista do saber estético (que incentiva a realização de cirurgias plásticas e o uso de produtos que retardam o envelhecimento), o que observamos é uma mecânica muito sutil de um biopoder que pode inscrever o corpo da população idosa na idade de pessoa velha ou na melhor idade.

Os trajetos históricos que esses enunciados constroem e a polêmica em torno da fórmula sinalizam o modo como, discursivamente, são criadas as diferentes idades do corpo e, assim, atribuídas a tal ou qual corpo essa ou aquela idade. Essa rede interdiscursiva, atravessada pelos saberes anteriormente citados, é colocada em movimento na mídia para dizer não somente quem somos, mas também para que cada um de nós se veja e se sinta classificado, enquadrado dessa ou daquela maneira, nessa ou naquela faixa etária. Em outras palavras, os saberes dos quais os enunciados emergem não dizem qual idade os sujeitos têm de fato, mas qual a representação de idade eles devem assumir para que possam, governados por esses saberes, cuidar de si mesmos.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALVES, R. A linguagem politicamente correta. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 mar. 2010. Folha Cotidiano, p. 2.
- FOLHA DE S.PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 15 mar. 2009. Maior Idade. Especial 1, p. 1.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p 297-321.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma T. Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

\_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber/Michel Foucault*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta; tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 281-305.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1878-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. Tradução de Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

MEIRELLES, C. *Poesia completa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1994.

REVISTA DA UFG. Goiânia: UFG, v. 5, n. 2, dez. 2003. Melhor Idade. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br>. Acesso em: 23 set. 2010.

REVISTA DIGITAL. Buenos Aires: [s.n.], ano 10, n. 74, jul. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

REVISTA VEJA. São Paulo: Ed. Abril, 31 ago. 2005. Especial “A melhor idade”.